

SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

BARROS CONCEIÇÃO, S. (1) y RIBEIRO COSTA, P. (2)

(1) Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio Grande - FURG suzinhab@yahoo.com.br

(2) Universidade Federal do Rio Grande - FURG. pribeiro@vetorial.net

Resumen

Este trabalho tem como objetivo investigar como as questões referentes à sexualidade, têm sido faladas e tratadas pelos profissionais da educação (orientadores, coordenadores, assistentes sociais, supervisores e psicólogos) de algumas escolas do Ensino Fundamental e Médio. Nesse estudo, estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Utilizamos como estratégia metodológica entrevistas semi-estruturadas, com esses profissionais. Analisando as narrativas percebemos que esses temas estão sendo discutidos a maioria das vezes na disciplina de ciências e/ou apenas quando ocorre algum problema na escola. Entendemos que esses profissionais podem contribuir para que a sexualidade seja discutida, uma vez que eles desempenham nas suas escolas o papel de mediadores do processo ensino-aprendizagem.

Objetivo:

Investigar como as questões referentes à sexualidade, têm sido faladas e tratadas pelos profissionais da educação (orientadores educacionais, assistentes sociais, supervisores escolares, psicólogos e coordenadores educacionais), de algumas escolas do Ensino Fundamental e Médio.

Marco Teórico:

Neste estudo, questionamos o entendimento da sexualidade como universal e biologicamente determinada – um atributo biológico – ao entendê-la como uma construção histórica e cultural que articula saberes/poderes para o governo do sexo através dos corpos e das maneiras de as pessoas viverem os seus prazeres. Assim, para Weeks (1993, p. 21), “não podemos esperar entender a sexualidade observando simplesmente seus componentes ‘naturais’. Esses só podem ser entendidos e adquirir significado graças a processos inconscientes e formas culturais”. É nessa perspectiva que temos realizado nossos estudos, nos quais buscamos ver e entender como a sexualidade tem sido falada e tratada nas práticas escolares. Problematicamos o corpo como pura materialidade biológica, ao discutir a sexualidade como efeito de práticas culturais de inscrição nos corpos, entre elas, as do campo biológico. Ao pensar a sexualidade como um artefato, uma invenção que se constituiu e constitui na correlação de múltiplos elementos sociais presentes na família, medicina, educação, psicologia, procuramos estabelecer algumas conexões com os Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

Consideramos importante, questionar e refletir sobre essa temática com esses profissionais, uma vez que eles desempenham o papel de mediadores nas suas escolas, buscando a integração de todos no âmbito escolar (alunos, professores, equipe diretiva, equipe pedagógica, cuidadores, isto é, a comunidade em geral). Tendo como função, não só resolver problemas nas escolas ou prestar atendimentos a alunos, pais, responsáveis, comunidade e professores, mas sim atuar como articuladores do Projeto Político-Pedagógico, mediadores do processo ensino-aprendizagem e das relações professor - aluno, tendo também a função de estar promovendo e incentivando a discussão dessas temáticas na escola.

Desenvolvimento do tema:

Para a produção dos dados de pesquisa utilizamos como estratégia metodológica entrevistas semi-estruturadas, com profissionais da educação (orientadores educacionais, assistentes sociais, supervisores escolares, psicólogos e coordenadores educacionais), de escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio dos municípios de Santa Vitória do Palmar, Chuí, Rio Grande e São José do norte.

Analisando as narrativas de alguns profissionais da educação percebemos que a sexualidade ainda é discutida apenas nas aulas de ciências: [...] *a 7ª e a 8ª série ele [professor de ciências] aborda bem essa questão da gravidez, de sexualidade, do uso da gravidez também, dos contra, dos métodos contraceptivos, porque ele tem um livro também trás isso, então ele aborda bem essas questões* (O1); na fala dessa outra profissional também percebemos a sexualidade vinculada a disciplina de ciências: *é mais envolvido com a professora mesmo de ciências, e ela gosta muito, é uma pessoa assim dinâmica, que ta sempre integrada nos projetos da secretaria, então já, a gente faz uma pacote eu e ela, eu trago material para ela, empresto*

ai ela usa (O2). Porém, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, essas temáticas devem ser abordadas na escola de maneira transversal, já que a sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, História, Biologia, Religião entre outras.

De acordo com as narrativas da maioria dos profissionais, a sexualidade tem sido trabalhada para resolver algum problema, responder a uma urgência na escola, sendo que a mesma não está presente em projetos escolares, mas sim está sendo trabalhadas esporadicamente, quando existe uma necessidade, como coloca uma dessas profissionais: [...] *leva uma palestra, vem uma médica que fala sobre planejamento familiar, mas a gente vê a forma de usar, quais os métodos contraceptivos que existem, principalmente os preservativos e a pílula, como é que se toma, como é que se deve tomar, que não é a pílula da mãe, nem da amiga né, que cada uma tem que ter a sua, conforme a sua carga hormonal, relacionamos tudo isso, que cada ser é um ser único, que tem uma composição, por isso o hormônio que tu toma, não pode ser o mesmo meu, der repente pode ser, der repente não, para uns faz bem, para outros faz mal. Então nós trabalhamos tudo, o que é menstruação, porque nós menstruamos, como é que nós menstruamos* [A1]. Podemos perceber nas narrativas que as temáticas tratadas nessas palestras estão vinculadas ao discurso biológico, para Ribeiro (2002):

o discurso biológico tem ocupado um espaço privilegiado em relação a outros, visto que em muitos programas de educação sexual, manuais, livros, guias de educação sexual, como também no tema transversal Orientação Sexual (PCN) a sexualidade está prioritariamente vinculada ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, ao uso dos métodos anticoncepcionais, aos mecanismos e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS.

Dessa maneira, a sexualidade é vista como um atributo biológico, compartilhados por todos independente de sua história, cultura e sociedade, da qual fazemos parte, se tornando assim universal e vivida igualmente por todos. Para Louro.

a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Nessa ótica, as identidades sexuais deixam de ser concebidas como meros resultantes de “imperativos biológicos” e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais. (2000, p.67)

Sendo a escola um espaço sexualizado e generificado (Louro, 1998) como qualquer outra instância social, entendemos que a mesma pode contribuir para discussão de questões relacionadas à sexualidade, nas diversas disciplinas, e ao longo de todas as propostas da escola, pois as temáticas corpos, gêneros e sexualidades, estão presente no currículo escolar.

Conclusões:

Esse trabalho apresenta como os profissionais da educação vêm falado sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades. Analisando as narrativas percebemos que esses temas estão sendo discutidos a maioria das vezes na disciplina de ciências e/ou apenas quando ocorre algum problema na escola que envolva assuntos como gravidez, masturbação, uso de “palavrões”, Aids etc., não existindo projetos envolvendo essas discussões, sendo que é papel desses profissionais, participar da coordenação, elaboração, execução, acompanhamento e avaliação dos projetos, planos, programas e outros, objetivando o aprimoramento do currículo. Além disso, também percebemos que a sexualidade muitas vezes está vinculada apenas ao discurso biológico, portanto esses profissionais não levam em conta que somos produzidos ao longo da vida, pelas diversas instâncias sociais.

Frente aos discursos hegemônicos presentes nas escolas e em outras instituições sociais sobre sexualidade, consideramos necessário, questionar e refletir sobre essa temática com esses profissionais uma vez que eles desempenham nas suas escolas o papel de articuladores do Projeto Político-Pedagógico, mediadores do processo ensino-aprendizagem e das relações professor - aluno.

Referências Bibliográficas

LOURO, Guacira. (1998). Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D.E.E. *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. (2000). *Corpo, Escola e Identidade. Educação & Realidade*. Porto Alegre, 25 (2), pp. 59-75.

RIBEIRO, P. R. C. (2002). *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. Porto Alegre: PPG- Bioquímica/UFRGS. Tese de Doutorado.

SOUZA, N. G. S. (2007). O Corpo Como uma Construção Biossocial Implicações no Ensino de Ciências. In: RIBEIRO, P. R. C., QUADRADO, R. *Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Caderno Pedagógico Anos Finais. Rio Grande: Editora da FURG.

WEEKS, J. (1993). *El malestar de la sexualidade*: significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: TALASA.

CITACIÓN

BARROS, S. y RIBEIRO, P. (2009). Sexualidade no espaço escolar: um estudo com profissionais da educação. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 982-986
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-982-986.pdf>